

3A  
LEANDRO GOMES DE BARROS

AFFONSO PENNA

A ORPHÃ

UNS OLHOS

O que eu creio

1.º volume

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO  
EM BRASÍLIA

## AFFONSO PENNA

Fazem dezesete annos  
Que o norte foi visitado  
O conde d'Eu veio aqui  
E foi muito festejado  
Veio agora Affonso Penna,  
Ninguem sabe o resultado..

O povo esperava  
Tudo por alli  
Que elle vindo aqui  
Tudo melhorava  
Julguei que elle dava  
Sacos de dinheiro  
Fiz um mealheiro  
Do tamanho de um jigo  
E disse commigo :  
Breve sou banqueiro.

Vendi 3 frangas que tinha.  
Empenhei um cinturão  
Vendi meza de jantar  
Empenhei mais o pilão  
Comprei tudo de foguetes  
Fui soltar na estação.

Dizia á mulher :  
Vossê cuide em ir  
Pode o homem vir

E dar o que trazer  
Faça o que quizer  
Eu levo Apollonia  
Vou sem caremonia  
Para a estação  
Com o sacó de João  
E a coité de Antonia.

E lá fui á estação  
Dei tres quedas d'esta vez  
Desconjuntei uma perna  
Que tanto damno me fez  
Chegou elle : porém vinha  
De cada lado um inglez.

Em todas as villas  
Que tinham estação  
Via-se em cada mão  
Duas, tres mochilas  
Viu-se sacudi-las  
No matto de vez  
Eu disse : vossês  
O tempo perderam  
Para que não nasceram  
Em terra de inglez?

Dizia uma filha á mãe :  
Minha mãe, vosmincê vai  
Bote uma pedra na bocca  
Se não o queixo lhe cai

Não se esqueça de levar  
O bisaco de meu pai.

Se elle der dinheiro  
Não custe a voltar  
Eu já vou matar  
O pai do terreiro  
Vou logo ao chiqueiro  
Mato a bacurinha  
Não temos galinha  
Mas chega o dinheiro  
Compra-se um carneiro  
Faz-se uma festinha.

Com duas horas depois  
Volta a velha em desespero  
Minha mãe ! foi macho ou femea ?  
Pergunta a filha ligeiro.  
Responde a velha zangada :  
Só se eu trouxe um verdadeiro.

Entrou na cosinha  
Tomou um abalo  
Tinham morto o gallo  
E a bacurinha  
Tudo quanto tinha  
Nessa occasião.  
A velhota então  
Dizia : oh ! que scena !  
Fui atraz de penna  
Tornei-me canhão.

E eu avisando tudo  
Fortuna não vem em kilo  
O povo dizia : não !  
Não tem isso nem aquillo  
E quasi que vem dar tudo  
Como adivinhou João Grillo.

Alli só se via  
Mulheres passeando  
O cego apalpando  
Gritar para o guia :  
Está chuvoso o dia  
E' grande o lameiro  
Não tem atoleiro  
Para me impedir  
Eu hoje hei de ir  
E chegar primeiro.

Foi engraçado um velhote  
Ao chegar na estação  
Gritou: seu Affonso Penna!  
Veio em boa ocasião  
Veja que imposto damnado  
Cobram por milho e feijão ?

Venha aqui disposto  
Afrouxe o vintem  
Se saltar do trem  
Cobram-lhe o imposto

Hoje é desse gosto  
A cousa está feia  
Isso é uma aldeia  
Se acharem uma vaga  
V. Mcê ou paga  
Ou vai a cadeia.

Os inglezes : santaninha !  
Um preparava-lhe a sôpa  
Outro tangia mosquitos  
Outro catava-lhe a roupa  
Diziam : o que faltar, peça !  
Inglez aqui não se poupa.

Dizia um inglez :  
Mim vai chaleirar  
Que é para ganhar  
Brazil desta vez  
O calculo mim fez  
E ganha dinheiro  
Mim é estrangeiro  
Sabe andar subtil  
Mim compra Brazil  
E vende brasileiro.

Tudo no Norte dizia  
O Brazil vai melhorar  
A vinda de Affonso Penna  
Faz todo mundo enricar

Eu creio que estes quatro annos  
Não preciso trabalhar.

Até as creanças  
Mostravam alegria  
Formavam harmonia  
Cheios de esperanças  
Batiam nas panças  
Que era de mais.  
Diziam-lhe os pais :  
Cada qual se riçe  
Ataca, Felippe !  
Aproveita, Braz !

## A orphã

O mundo é um logogripho,  
Ninguem pode o decifrar ;  
A sorte é como uma vega  
Que vem e torna a voltar ;  
A vida um derdo voluvel,  
Raro é quem pode ganhar.

Alguem diz que nossa vida  
Parece um sonho dourado,  
Eu classifico esta vida  
Um fardo muito pesado,

O homem é um viandante  
Que nasce e morre cançado.

Mathilde era uma orphã,  
O ente mais desvalido,  
Por mãe conheceu a Dor,  
Por distracção o Gemido,  
Por abrigo o Sol ardente,  
Oh ! ser desfavorecido !

Tinha apenas quatro annos,  
Não podia trabalhar,  
Sua mãe morreu a fome,  
Deixou-a nesse penar,  
Sem ter quem lhe desse o pão,  
Sem geito de se criar.

Pedia esmolas á noute  
Em mattos verdes envolvida,  
Coitada ! não tinha roupa,  
De dia estava escondida,  
Buscando fructas no bosque  
Para remissão da vida.

Então nas noutes de inverno  
Sua vida era chorar,  
Passar molhada uma noute,  
Sem ter onde se abrigar !  
Todos fechavam-lhe as portas,  
Ninguem a deixava entrar.

Uma noite ella julgou,  
Que morria resfriada,  
Foi ter á porta de um rico  
Pedindo-lhe uma pousada,  
Esse lhe disse: — se enforque  
Que já fica descansada.

Eu não ! respondeu Mathilde,  
Não 'stou viva até aqui ?  
Deus quando quer matar um,  
Mata acolá e alli,  
Mata até vossa excellencia,  
Antes de erguer se d'ahi.

O avarento aggravou-se,  
Para ver se ella morria,  
Mandou que ella passasse  
No quarto que o cão dormia,  
Tendo já quasi a certeza  
Que o cão a devoraria.

O monstro disse sorrindo :  
Hoje has de me pagar,  
O cachorro crocodilo  
Hoje tem o que ceiar,  
Se não fosses tão pequena  
Ficava o que elle almoçar.

Assim que o cão vio-a ergueu-se,  
De onde estava deitado,

Chegou festejando ella,  
Mostrando-lhe tanto agrado,  
Como se fosse Mathilde  
Quem o tivesse criado.

Ella deitou-se na cama,  
No canto que o cão dormia,  
Comeu a sôpa do cão  
Que sobejou-lhe do dia,  
O cão dormio junto della  
Como se fosse um vigia.

De manhã veio o creado  
Com a comida do cão,  
Trazendo em uma bandeja  
Pedacos de carne e pão,  
Vio a creança dormindo  
Que lhe chamou attenção.

O creado quando vio  
Aquelle corpinho deitado,  
Alvo da côr da aurora  
Mas sendo um alvo corado,  
Aquelles cabellos louros  
Fingindo um sol esmaltado,

Aquelle resomno brando,  
Como o bafejo da brisa,  
Como o murmurio das aguas,  
Que a meia noite deslisa

Ou o bafejo de um anjo  
Quando do céu suavisa.

O criado chamou o cão  
E esse logo se ergueu,  
O creado estupefacto,  
A comida do cão deu,  
O cão acordou Mathilde,  
Junto com ella comeu.

Nisso acorda o avarento,  
Com uma voz perturbada,  
Disse ao criado:—vá vêr,  
Se no jardim tem ossada  
De uma pobre rabugenta  
Que pedio-me uma pousada.

Ahi fallou o criado:  
Ella dormio com o cão,  
Elle acarinhando ella  
Como se fosse um christão.  
Ainda a poucos momentos  
Comeram juntos um pão.

Mentiroso! exclamou ella:  
Então queres me enganar!  
Que virtudes tem aquillo  
Para um cão a respeitar?  
E' por ventura algum anjo  
Que veio aqui me explorar?

E sahio para o jardim  
Com grande perturbação,  
Chegou encontrou-a sentada  
Pousando a fronte no cão.  
Com uns dedinhos bem alvos  
Fazendo letras no chão.

O avarento com isso  
Ficou muito incommodado,  
Pensou: será algum anjo,  
Em criança transformado,  
Ou será algum demonio  
Que teria se soltado!

Depois consultando a si,  
Achou que era illusão.  
Despedio o empregado,  
Quiz mandar matar o cão...  
Disse á creança:—retire-se,  
Não deixe rastos no chão.

A mulher do avarento  
Vendo Mathilde sahir  
Fez uma supplica ao marido  
Para elle consentir  
Ficar ali a creança  
Mas não pude conseguir.

Olhou para ella e disse:  
Vai, filha da desventura,

Deus é pae de todos nós  
E soffreu tanta amargura  
A villa é uma cadeia  
E' feliz quem não atura.

Mathilde em pranto exclamava :  
Ah ! Deus ! o que é que eu faço ?  
Perdida nessa montanha  
Tão pequena ? Como passo ?  
Tanto pão que botam fóra  
Mas não me dão um pedaço.

Mas minha mãe me dizia  
Que Deus é um pai constante  
Dá o pão a quem tem fome  
Sciencia ao ignorante.  
Consola ao triste que chora,  
Mostra o porto ao navegante.

Eu neste bosque medonho  
Sou triste sem esperança.  
Um viajor sem destino  
Que anda e nunca descança  
Qual cêgo que não tem guia  
Que ignora onde se lança.

Nisso ouviu ladrar um cão  
Esmoreceu de repente  
Era o cachorro do rico  
Que escapou da corrente

Andava pela montanha  
Procurando-a impaciente.

Ah ! és tú, meu crocodilo,  
Que andas me procurando ?  
Ella dizia n'um pranto  
As lagrimas ao cão banhando  
O cão lambendo-lhe as lagrimas  
Como quem está consolando.

Tenho agora companhia  
Para viver nessas grutas  
Aonde só ouço o silvo  
Das cobras feias e brutas  
Eu com o meu companheiro  
Comemos sómente as fructas.

O avaro dormindo  
Sonhou que tinha morrido  
Ia a uma gruta escura  
Ouvia um grande gemido  
Via o pai delle em um carcere  
Todo queimado e ferido.

O pai lhe disse por sonho:  
Vê como estou desgraçado ?  
Eu fui como és hoje  
Rico, avaro, malvado  
No mundo eu só via o ouro  
Por isso fui condemnado.

Habito aqui nesta cóva  
Onde só consta o terror  
Onde estas chammas continuas  
Augmentam sempre o calor  
Não espero ver mais nunca  
A vez de meu criador.

Elle por sonho corria  
Soluçando horrorizado  
Ia a uma gruta onde tinha  
Muito ouro amontoado  
Onde tinha um cão uivando  
Junto do ouro deitado.

Piavam umas aves pretas  
Rondando o monte de ouro  
Chorava um velho dizendo :  
Eis aqui o meu thesouro !  
Ganho no mundo dos vivos  
A' custa de sangue e choro.

Ahi Mathilde passava  
O monte de ouro vio  
Pisando em uma moeda  
Em cima della cuspio  
Depois limpou o sapato  
Repugnada seguio.

Continúa no «Azar e a feiticeira».

## UNS OLHOS

Teus olhos são como uns astros  
Teus seios puros e castos  
Parecem o throno de Deus.  
Teu riso é um céu aberto  
Que nem os anjos por certo  
Tem uns olhos como os teus.

As tranças negras e finas  
As faces cor de boninas  
Ao passar da viração  
Teu gesto tem tanta graça  
Ninguem o vê que não faça  
Palpitar o coração.

Tem o perfume da flor  
E's fina como o amor  
Tão firme quanto amizade  
O inventor da existencia  
De belleza e innocencia  
Te fez desta qualidade.

Teu halito é um odor  
Que exalou de uma flor  
Que tinha no paraiso  
Teu rosto da cor de um véo  
Provoca os anjos do céu  
Virem beber teu sorriso.

Jaboatão, 9 de Agosto de 1906.

## O que eu não creio

Dizem que o amor é doce  
Nisso eu não posso dar fé  
Porque se elle fosse doce  
Adoçaria café.

Dizem que beijando um filho  
Sua mãe sente a doçura  
Só se a bocca que o beijar  
For de assucar ou rapadura.

Creio que a alma do coxo  
Chegando no céu é manca  
Porem a alma do negro  
Mil céos não põem ella branca.

Dizem que a culpa condemna  
E' outra historia que arreia  
Porque se assim fosse certo  
Não precisava cadeia.

Eu como vivo escaldado  
De protecção, de innocencia,  
De dentadas de remorsos  
E peso de paciencia....

---